



20 anos

20 ANOS pelos direitos de crianças e adolescentes

Conheça a história
do Selo UNICEF

Entenda como
ele funciona

Saiba quem
faz parte

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO - Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)

Florence Bauer – Representante do UNICEF no Brasil

Paola Babos – Representante adjunta para Programas do UNICEF no Brasil

Michael Klaus – Chefe de Comunicação e Parcerias do UNICEF no Brasil

Mario Volpi – Coordenador do Programa de Melhoria da Qualidade das Políticas Públicas do UNICEF no Brasil

Anyoli Sanabria – Coordenadora do Território da Amazônia do UNICEF no Brasil

Dennis Larsen – Coordenador do Território do Semiárido do UNICEF no Brasil

Liliana Chopitea – Chefe de Políticas Sociais e Monitoramento e Avaliação do UNICEF no Brasil

NÚCLEO EDITORIAL

Elisa Meirelles Reis, Bruno Viécili e Ida Pietricovsky de Oliveira (Comunicação); Anderson Macedo de Jesus, Boris Diechtiareff e José Gilberto Boari (Dados Estatísticos).

PRODUÇÃO EDITORIAL

Produção de conteúdo: Elisa Meirelles Reis

Projeto gráfico, diagramação e capa: Victor Malta

Infografia: Luciano Veronezi

Foto de capa: ©UNICEF/BRZ/Raoni Libório

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais às crianças, aos adolescentes, às famílias e comunidades, aos parceiros, às empresas e às equipes dos municípios e governos estaduais do Semiárido e da Amazônia que fizeram – e fazem – parte da história dos 20 anos do Selo UNICEF.

UNICEF, 2019

www.unicef.org.br

www.facebook.com/unicefbrasil

www.twitter.com/unicefbrasil

www.instagram.com/unicefbrasil

© UNICEF/BRZ/RAONI LIBÓRIO



5 Crianças e adolescentes,
prioridade absoluta

© UNICEF/BRZ/DIVULGAÇÃO



6 Uma história de sucesso
escrita a muitas mãos

© UNICEF/BRZ/TACIANO BRITO



10 Como funciona
o Selo UNICEF?

© UNICEF/BRZ/TACIANO BRITO



15 Resultados para a
infância e adolescência

© UNICEF/BRZ/RAONI LIBÓRIO



20 20 anos de
conquistas e histórias

© UNICEF/BRZ/RAONI LIBÓRIO



26 Quem faz o
Selo UNICEF?

© UNICEF/BRZ/RAONI LIBÓRIO



28 Com a palavra,
adolescentes!



© UNICEF/BRZ/JOÃO LAET

Crianças e adolescentes, prioridade absoluta

Nas últimas duas décadas, a situação de meninas e meninos do Semiárido e da Amazônia melhorou muito. Isso porque milhares de municípios assumiram um compromisso: colocar crianças e adolescentes como prioridade.

Em cada município, até nos menores e mais distantes, uma transformação teve início. Era o Selo UNICEF, que chegava para dar as mãos à professora, ao agente comunitário de saúde, a prefeitas e prefeitos, ao conselheiro tutelar, à merendeira e a tantos outros para, juntos, reduzir desigualdades e mudar a realidade local.

A proposta do UNICEF é simples: estar perto de quem está ao lado da criança e do adolescente. Oferecer apoio, capacitação, ajudar a estruturar uma gestão por resultados e, acima de tudo, unir esforços para garantir direitos, sem deixar ninguém para trás.

Esse esforço conjunto começou no Ceará, em 1999. Espalhou-se por todo o Semiárido em 2005. E chegou à Amazônia em 2009. Os resultados são expressos em grandes números, mas também em milhares de pequenas histórias que vêm sendo contadas por toda a Amazônia e todo o Semiárido.

São histórias de alegria: do primeiro sorriso de uma criança que nasce saudável; de um menino que se torna cidadão ao ter seu registro de nascimento; de uma menina que consegue voltar para a escola e está aprendendo. E de milhares de crianças e adolescentes que, hoje, têm seus direitos assegurados.

Como alcançamos tudo isso? Você verá nas próximas páginas, que contam um pouco dessa história, explicam a metodologia do Selo UNICEF e mostram alguns dos resultados que conquistamos juntos. Neste ano em que se comemoram os 30 anos da Convenção sobre os Direitos da Criança, a Amazônia e o Semiárido têm muito a comemorar.

Boa leitura!

Florence Bauer, representante do UNICEF no Brasil



© UNICEF/BRZ/BRENDA HADA



UMA HISTÓRIA DE SUCESSO ESCRITA A MUITAS MÃOS

Criado em 1999, o Selo UNICEF foi sendo aprimorado, ganhou escala e hoje está em 1.924 municípios

O ano é 1999. O Brasil está colocando em prática as determinações da Constituição de 1988 e da Convenção sobre os Direitos da Criança, refletida no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Muita coisa está mudando no País, em especial nos municípios, que passam a ser responsáveis por garantir educação, saúde e assistência, e por ter um olhar especial para a proteção de meninas e meninos de até 17 anos.

O UNICEF vem acompanhando essas transformações e se pergunta como chegar às crianças e aos adolescentes que mais precisam. Está claro que o País tem desafios, e é preciso criar uma nova metodologia de trabalho. Um sonho surge no escritório do UNICEF no Ceará: olhar para os municípios, reunir os indicadores de educação e saúde existentes, e **unir esforços** para melhorá-los.

Surge aí o Selo UNICEF. A proposta é **acompanhar, dar apoio e reconhecer publicamente os esforços dos municípios** na garantia dos direitos de meninas e meninos. “O objetivo é que o trabalho que é feito no município tenha um impacto real na vida de crianças e adolescentes. E esse impacto real é medido em termos de indicadores e do engajamento da comunidade, incluindo crianças e adolescentes”, explica Rui Aguiar, chefe do escritório do UNICEF em Fortaleza, que participou da concepção do Selo UNICEF.

A primeira edição abrange apenas o Ceará, e é organizada em um ciclo de dois anos (1999-2000). São 69 municípios inscritos, dos quais 27 alcançam as metas e recebem o primeiro Selo UNICEF da história (veja o infográfico na pág. 9).

A experiência inicial vai sendo aprimorada. Entram indicadores de assistência social e proteção. E o UNICEF realiza mais duas edições no Ceará: 2001-2002 e 2003-2004. Um primeiro teste de expansão é realizado na Paraíba em 2002, com o nome de Selo da Cidadania – Município Protetor da Criança.



Ampliação para o Semiárido

O sucesso das experiências leva à primeira ampliação do Selo UNICEF. **Ele chega a todo o Semiárido.** Em 2004, é assinado o *Pacto Nacional um Mundo para a Criança e o Adolescente do Semiárido*. E o Selo UNICEF passa a alcançar quase 1.500 municípios de 11 Estados, onde vivem mais de 12 milhões de crianças e adolescentes.

A história continua no Semiárido por mais duas edições: 2005-2006 e 2007-2008. “A cada edição, com o apoio de incansáveis parceiros locais, crescem a aderência e a capilaridade do Selo UNICEF entre centenas de municípios”, explica Dennis Larsen, coordenador do UNICEF para o território do Semiárido.

A chegada à Amazônia

Em 2009, essa história ganha um novo capítulo: **o Selo UNICEF chega à Amazônia.** Os nove Estados que compõem a Amazônia Legal brasileira assinam a *Agenda Criança Amazônia*. “É o começo de uma transformação social para colocar meninas e meninos amazônicos no cen-

SELO NO SEMIÁRIDO

Em Euclides da Cunha (BA), crianças são acompanhadas para não abandonar a escola

70,5%

do território nacional é composto por Amazônia e Semiárido



©UNICEF/BRZ/JOÃO LAET

SELO NA AMAZÔNIA

Em Macapá (AP), crianças quilombolas aprendem sobre suas raízes e valorizam a cultura negra

tro das políticas públicas”, afirma Anyoli Sanabria, coordenadora do UNICEF para o território amazônico.

Junto com a expansão à Amazônia, vem uma evolução na metodologia. As prefeituras pedem para ampliar o ciclo do Selo UNICEF de dois para quatro anos. Com isso, cada edição coincidiria com o período da gestão municipal, e haveria tempo para realizar mais ações e melhorar os indicadores sociais de longo prazo.

Sugestão acolhida, o Selo UNICEF inicia sua edição 2009-2012, com 534 municípios amazônicos e 1.265 do Semiárido – 81% do total de municípios das duas regiões.

Um dos maiores programas do UNICEF no mundo

Hoje, o Selo UNICEF está em sua oitava edição (2017-2020). Olhando para trás, fica fácil perceber que ele se tornou um

dos maiores programas do UNICEF no mundo em longevidade e abrangência territorial. Amazônia e Semiárido somados equivalem a quase duas vezes o tamanho da Índia e representam 70,5% do território nacional.

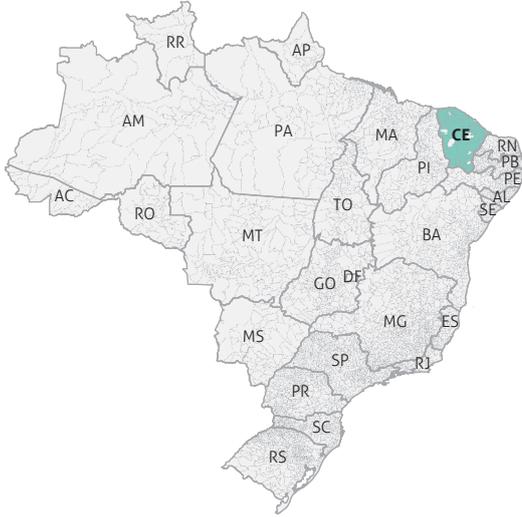
O alcance de municípios também é superlativo e bem heterogêneo: só a edição atual conta com 1.924 inscritos de 18 Estados. O total equivale a mais de 35% de todos os municípios do Brasil.

Se a escala é imensa, os desafios se equiparam a ela. Milhões de crianças e adolescentes ainda enfrentam lacunas na cobertura de seus direitos.

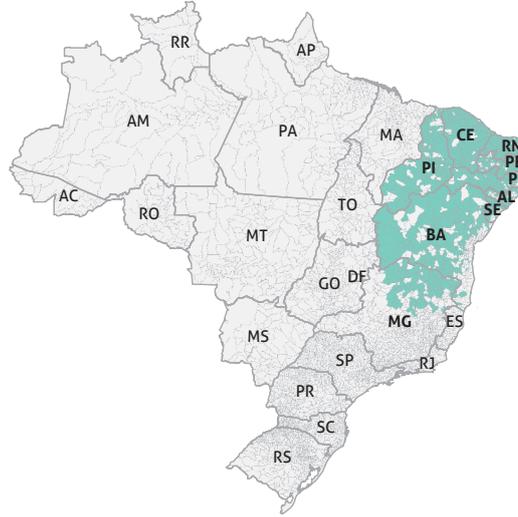
A boa notícia é que, ao priorizar verdadeiramente a infância e a adolescência na gestão pública, **os municípios têm comprovado que é possível avançar na garantia dos direitos de cada criança e cada adolescente, sem exceção.**

HISTÓRIA DO SELO UNICEF

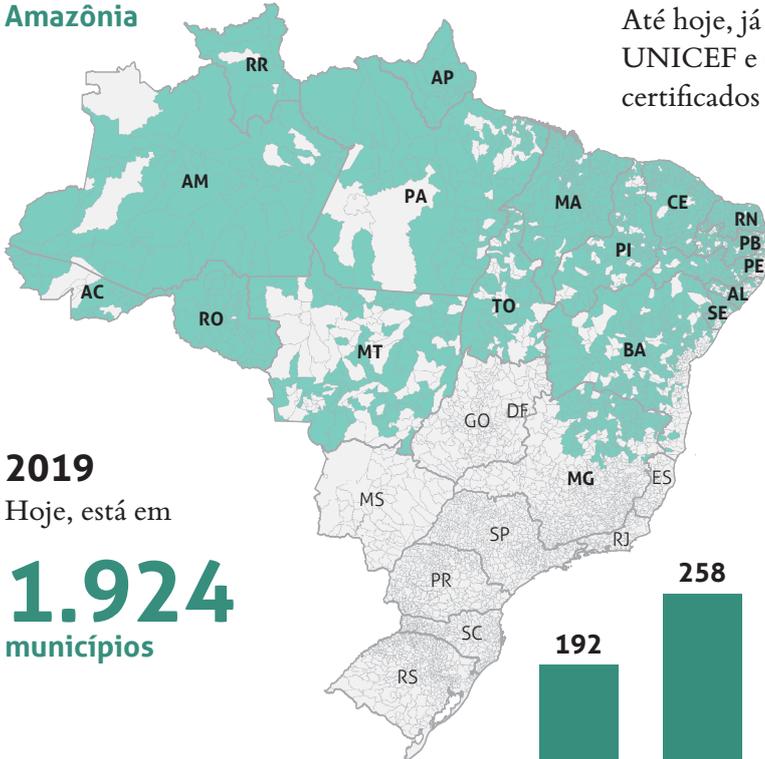
1999 O Selo UNICEF é lançado no **Ceará**



2005 Expande-se para todo o **Semiárido**



2009 Chega à **Amazônia**



2019
Hoje, está em

1.924
municípios

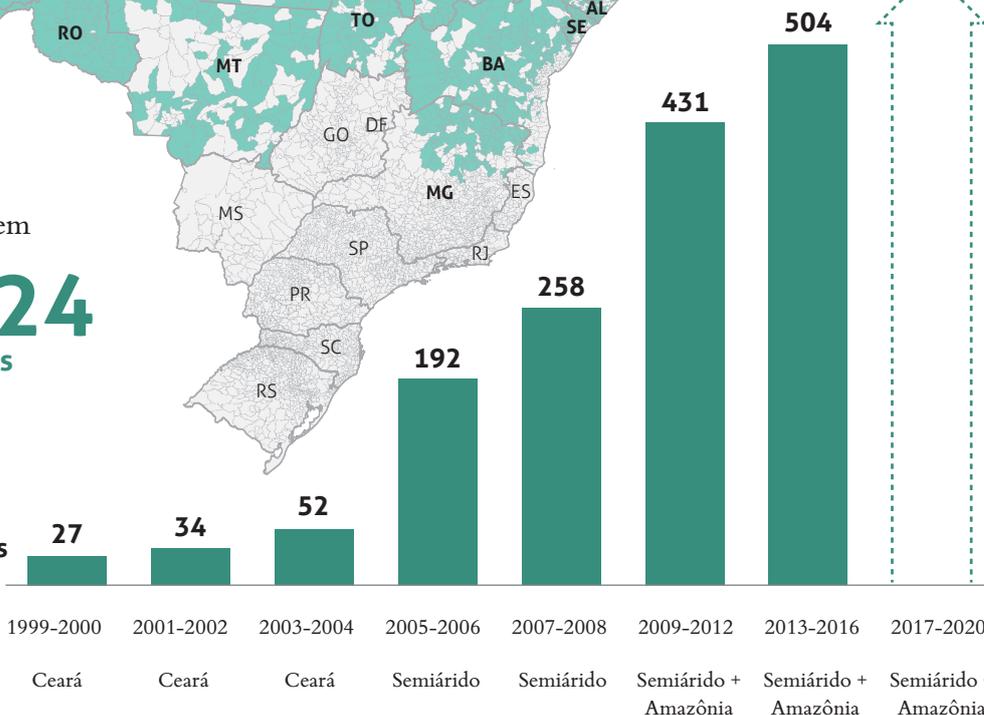
Edições

Até hoje, já foram **7 edições do Selo UNICEF** e o número de municípios certificados vem crescendo!

Municípios certificados

Edição

Local



1999-2000



2001-2002



2003-2004



2005-2006



2007-2008



2009-2012



2013-2016



2017-2020



Em breve

COMO FUNCIONA O SELO UNICEF?

UNICEF e municípios se unem para melhorar os indicadores de infância e adolescência



Como garantir os direitos de crianças e adolescentes em um país tão enorme e diverso como o Brasil? O que fazer para ganhar escala e chegar a cada menina e menino, nos cantos mais distantes da Amazônia e do Semiárido? Uma solução eficaz é trabalhar com quem está lá na ponta, nos municípios.

É nos municípios que milhões de crianças e adolescentes brasileiros constroem laços, vínculos, conexões e desenham seu futuro. A vida acontece em cada bairro, nas casas, escolas, postos de saúde, igrejas e praças. É lá que o UNICEF atua, ao lado da professora, do agente de saúde, da prefeita e de todo mundo que trabalha, diretamente, com as crianças e os adolescentes.

A lógica por trás do Selo UNICEF é simples: **unir esforços, dentro de cada município, para que a infância e a adolescência sejam prioridade nas políticas públicas.**

O trabalho começa com a adesão do município ao Selo UNICEF (*veja o infográfico na página seguinte*). Ele se compromete a realizar uma série de ações para melhorar seus indicadores e reduzir as desigualdades.

A partir daí, organiza suas equipes. É preciso escolher um articulador, que será a pessoa do Selo UNICEF no município, e um mobilizador de adolescentes, que vai garantir a participação de meninas e meninos em todo o processo. Cria-se também uma comissão do Selo UNICEF, com gente de diferentes áreas.

Com o time organizado, é hora de entender onde estão os maiores desafios. E essa análise só está completa ao ouvir a sociedade. O município realiza um fórum comunitário e convida todos os cidadãos a participar. Desse encontro, sai um Plano de Ação, com atividades concretas, responsáveis, metas e prazos – tudo que uma boa gestão precisa. Planos prontos, mãos à obra! É hora de realizar todas as ações e transformar a realidade local.



© UNICEF/BRZ/RAONI LIBORIO

PRIORIDADE

Selo UNICEF coloca crianças e adolescentes no centro das políticas públicas

Cada ciclo do Selo UNICEF dura quatro anos, coincidindo com a gestão das prefeituras. Ao final desse período, os municípios que alcançam as metas recebem o Selo UNICEF, sendo reconhecidos internacionalmente por seus resultados em prol das crianças e dos adolescentes.

A parceria com o UNICEF

Mas qual o papel do UNICEF nesse processo? Ele é o grande parceiro dos municípios no Selo UNICEF. Para começar, dá as diretrizes e propõe ações bem concretas, que entram nos planos de ação. Também é responsável por acompanhar o município e apoiar na qualificação das políticas públicas. Ao longo de cada edição, o UNICEF e seus parceiros promovem um conjunto de atividades formativas (presenciais e a distância), e oferecem as orientações técnicas necessárias em cada área – educação, saúde, proteção e participação social. E há, ainda, uma grande contribuição estruturante: ajudar os municípios a trabalhar de forma intersetorial e alcançar uma maior eficácia na gestão municipal. Afinal, quando todos cooperam, fica mais fácil garantir os direitos de cada menina e menino, sem exceção.

1.924

municípios estão inscritos na edição 2017-2020 do Selo UNICEF

PASSO A PASSO DO SELO UNICEF

Ciclo de 4 anos,
coincidindo
com a gestão
municipal

4

Compartilhar resultados

- 2º Fórum Comunitário

2

Diagnóstico e plano de ação

- 1º Fórum Comunitário
- Comunidade participa da criação do Plano de Ação



CHEGADA

5

Avaliação e certificação

- UNICEF avalia
- Município recebe o Selo UNICEF

Como é a avaliação?

Municípios são avaliados em dois eixos, analisados em conjunto:

1

Resultados sistêmicos:

Implementar as ações propostas e reportar. As ações valem pontos

2

Indicadores sociais:

Melhorar os indicadores de infância e adolescência. Municípios são separados em grupos com características semelhantes em cada estado. E são avaliados dentro do seu grupo



3

Implementação

- Capacitação dos gestores
- Realização das ações
- Desafios para os adolescentes
- Avaliação de meio período



1

Adesão do município

- Escolha de articulador e mobilizador de adolescentes
- Criação de Comissão Intersetorial
- Criação do NUCA

PARTIDA



© UNICEF/BRZ/RAONI LIBORIO

SELO UNICEF

Resultados para a infância e adolescência

Criado em 1999, o Selo UNICEF tem como objetivo unir esforços, dentro de cada município, para que a infância e a adolescência sejam prioridade nas políticas públicas. Ao colocar meninas e meninos no centro da agenda, os municípios têm demonstrado que é possível alcançar resultados concretos e de longo prazo.



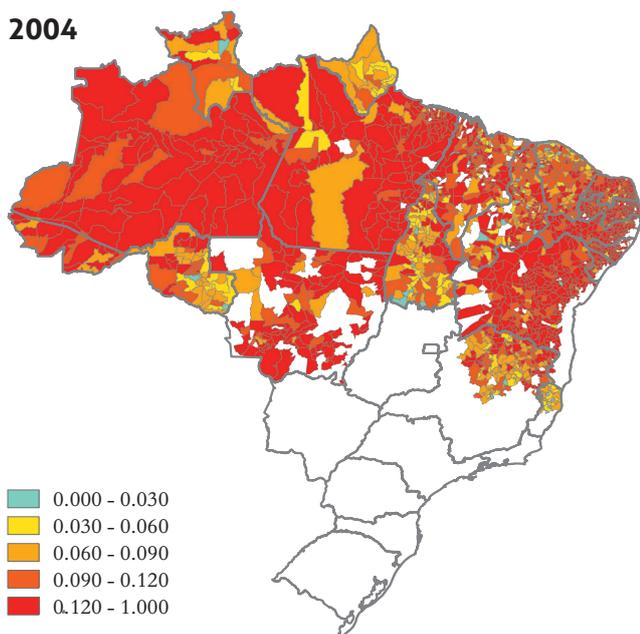
IMPACTOS DE LONGO PRAZO

Ao longo dos anos, o conjunto de municípios que participam do Selo UNICEF vem conseguindo ampliar o acesso de milhões de meninas e meninos a seus direitos

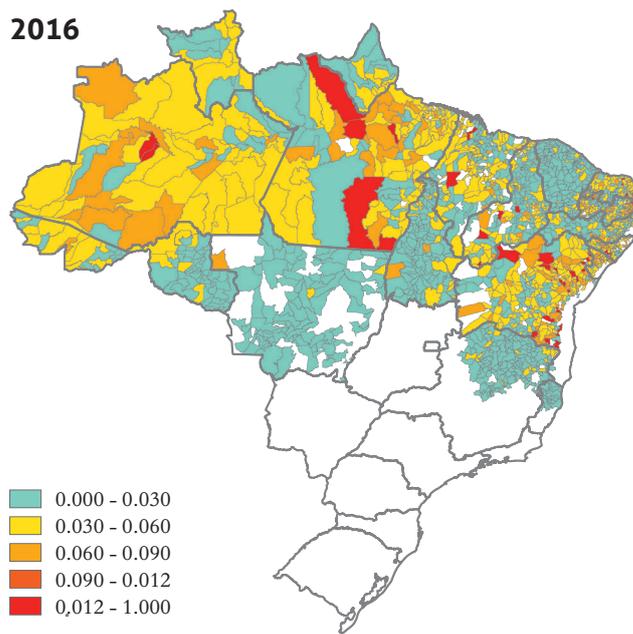
DIREITO A EDUCAÇÃO

Entre 2004 a 2016, os municípios que participam do Selo UNICEF conseguiram reduzir a taxa de abandono escolar

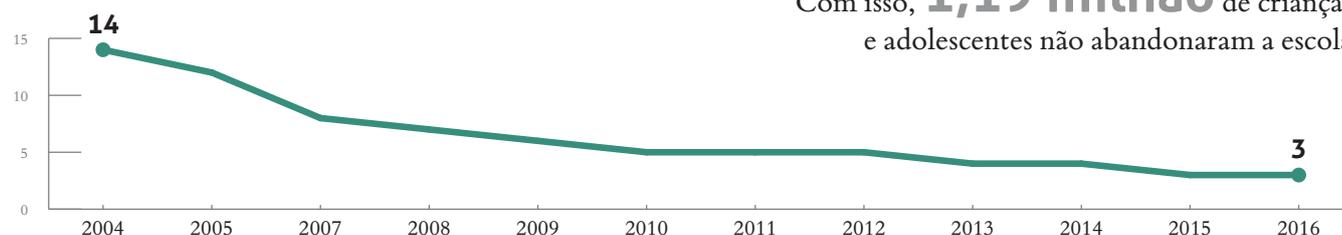
2004



2016



Taxa de abandono escolar Em %

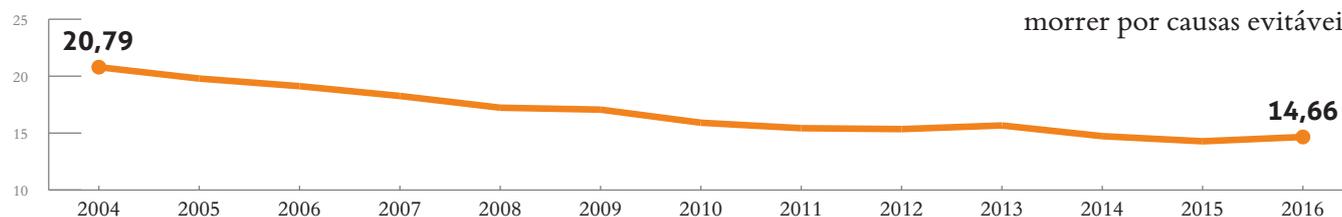


Com isso, **1,19 milhão** de crianças e adolescentes não abandonaram a escola

DIREITO A SAÚDE

A mortalidade infantil foi reduzida nos municípios participantes do Selo UNICEF, fazendo com que menos crianças morressem por causas evitáveis

Taxa de Mortalidade Infantil Em %



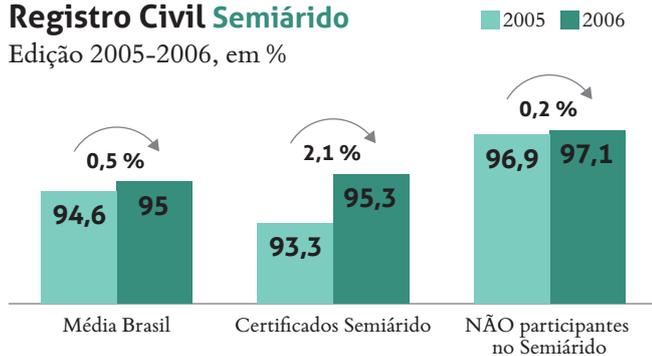
55 mil crianças deixaram de morrer por causas evitáveis

DESTAQUES DE CADA EDIÇÃO

Municípios certificados pelo Selo UNICEF melhoram mais do que a média nacional e do que aqueles que não participam do Selo. Conheça alguns destaques de cada edição.

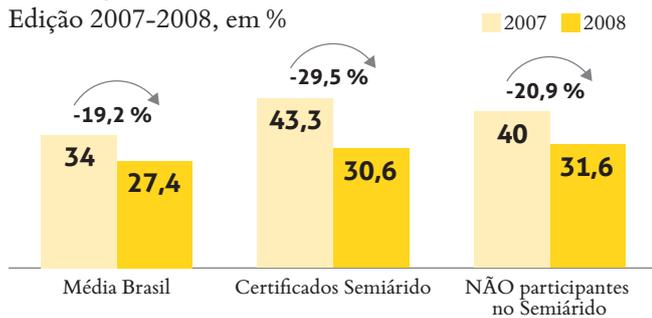
Registro Civil Semiárido

Edição 2005-2006, em %



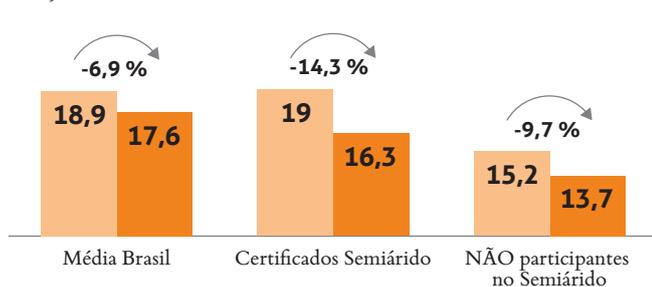
Distorção Idade-Série Semiárido

Edição 2007-2008, em %



Mortalidade Infantil Semiárido

Edição 2009-2012, em %



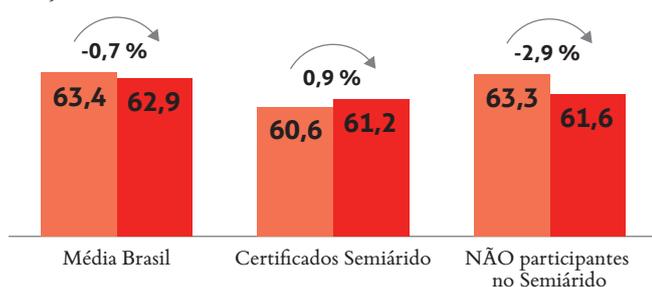
Mortalidade Infantil Amazônia

Edição 2009-2012, em %



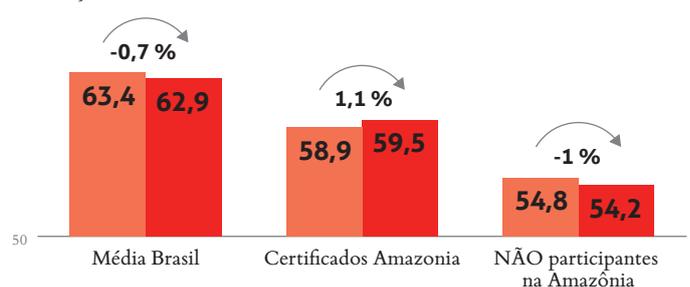
BPC escola* Semiárido

Edição 2013-2016, em %



BPC escola* Amazônia

Edição 2013-2016, em %



*CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE RECEBEM O BENEFÍCIO DE PRESTAÇÃO CONTINUADA (BPC) E ESTÃO NA ESCOLA.



E OS RESULTADOS CONTINUAM...

Edição atual do Selo UNICEF (2017-2020)
está em curso, e já tem muito a comemorar

1.924

Municípios inscritos (83% do total de
municípios elegíveis na Amazônia e no Semiárido)

Onde vivem mais de

16 milhões

de crianças e adolescentes

**ATÉ O PRIMEIRO SEMESTRE DE 2019,
A EDIÇÃO ATUAL DO SELO UNICEF JÁ ALCANÇOU:**

32 mil adolescentes, engajados nos NUCAs em milhares de municípios

Mais de **145 mil pessoas**, das mais diversas áreas, participando
de Fóruns Comunitários e discutindo desafios e propostas para efetivar
os direitos de meninas e meninos nos municípios em que vivem

4 ciclos de capacitação promovidos pelo UNICEF:

- Metodologia do Selo UNICEF: **1.717 municípios** participantes
- Como fazer um diagnóstico, organizar o Primeiro Fórum e criar os NUCAs: **1.619 municípios**
- Formação sobre Educação e Saúde: **1.423 municípios**
- Formação sobre Proteção contra a violência: **1.369 municípios**



© UNICEF/BRZ/LUIZ MARQUES



© UNICEF/BRZ/RAONI LIBÓRIO



© UNICEF/BRZ/RAONI LIBÓRIO

20 ANOS DE CONQUISTAS E HISTÓRIAS

Municípios
que participam
do Selo UNICEF
avancam na
garantia de direitos

A pequena Julia nasceu no começo de 2019, em Horizonte (CE). Foi um momento único na vida de Geórgia Cristina, 23 anos, e Wandson Rodrigues, 21. “Eu fiquei o tempo todo do lado dela, não larguei essa mulher por nada. E foi uma emoção única. Eu nunca tinha visto um parto. Agora, era a minha vez. Chegava a pessoa a quem eu ia dedicar minha vida inteira: a nossa Julia”, conta o pai, emocionado. “A partir daquele momento, foi a certeza de que a vida não ia ser mais a mesma”, complementa a mãe.

Julia nasceu saudável, de parto normal, depois de um pré-natal completo na rede municipal de saúde. “A gente não deixou de ir a nenhuma consulta, foram mais de sete. Foi um acolhimento bastante bom, tudo que a gente precisava, tinha”, conta Geórgia. Os pais de primeira viagem buscaram informação, aprenderam sobre direitos e sobre os cuidados na primeira infância. Julia hoje está forte, sadia, com amamentação exclusiva e todo o amor da nova família que se formou.

A história dela ilustra a de outras **55 mil crianças que poderiam ter morrido por causas evitáveis, de 2004 a 2016, mas sobreviveram graças às ações implementadas nos municípios que participam do Selo UNICEF.** Neles, a garantia do direito de crescer com saúde é prioridade na agenda municipal. Os bons resultados se devem a uma série de fatores.

Esses municípios aprimoraram, por exemplo, os cuidados com os primeiros anos de vida, retirando milhares de bebês e crianças da invisibilidade das políticas públicas. Eles também **se empenharam em cumprir as metas do Selo UNICEF relativas à garantia do atendimento pré-natal às gestantes e à cobertura de vacinas.** Isso, certamente, ajudou **a diminuir a mortalidade infantil e salvar vidas.**

Outra ação fundamental, que já é parte integrante do Selo UNICEF, é a Semana



© UNICEF/BRZ/RAONI LIBÓRIO

do Bebê. Trata-se de um momento único para o município reunir a comunidade, trazer informação, refletir, e elaborar novas políticas públicas integradas para a população de até 6 anos. Só na última edição do Selo UNICEF (2013-2016), 523 municípios do Semiárido e 238 da Amazônia realizaram uma ou mais Semanas do Bebê. Desses, 639 inseriram-na no calendário municipal. O Ícaro Levi, 1 ano e 8 meses (*foto acima*), nasceu durante uma Semana do Bebê quilombola, em Bequimão (MA). Foi eleito Bebê Prefeito, simbolizando o direito de todas as crianças do município.

Estudos comprovam que os primeiros anos são fundamentais para o desenvolvimento das estruturas física e psíquica da criança e de suas habilidades sociais. Portanto, todas essas ações, unidas a muitas outras e ao trabalho integrado entre educação, assistência e saúde, ajudaram a garantir a mais crianças o direito de sobreviver e se desenvolver.

SEMANA DO BEBÊ

Ícaro Levi,
Bebê Prefeito
de Bequimão
(MA), com a mãe,
Ivoneide

55 mil
crianças deixaram
de morrer por causas
evitáveis, de 2004 a
2016, nos municípios
que participam do
Selo UNICEF



© UNICEF/BRZ/RAONI LIBÓRIO

NA ESCOLA

Encontradas pela Busca Ativa Escolar, em Itabaianinha (SE), elas agora têm o direito de aprender garantido.

1,19 milhão
de crianças e adolescentes não abandonaram a escola, de 2004 a 2016, nos municípios participantes do Selo UNICEF

Estar na escola e aprender

Além de nos cuidados na primeira infância, os municípios participantes do Selo UNICEF também se destacaram em outro campo: a educação. Nesses 20 anos, eles ampliaram o acesso e a permanência de alunos na educação básica, olhando não apenas para as matrículas, mas para uma inclusão real de cada menina e cada menino.

Um desses meninos é o Niltomar, de 11 anos (*leia a história dele ao lado*). Ele encontrou todo o apoio do município em que vive, Parazinho (RN), para realizar seu tratamento de saúde, sem deixar os estudos. Como ele, outras crianças e adolescentes foram beneficiados por ações para incluir todos na escola.

De 2004 a 2016, **1,19 milhão de crianças e adolescentes não abandonaram a escola nos municípios que**

participam do Selo UNICEF. Cada um deles realizou um esforço conjunto, incluindo diferentes áreas – saúde, educação, assistência social, entre outras – pelo direito de aprender.

Entre as atividades, os municípios implementaram a busca ativa de crianças e adolescentes fora da escola, garantindo o direito de estar na sala de aula e aprender. As irmãs Maísa, Gabriela, Isabella e Estefany (*foto acima*) estavam excluídas por uma situação de pobreza. O município de Itabaianinha (SE) ofereceu apoio à família, e as meninas voltaram aos estudos.

Muitos municípios também desenvolveram, na rede escolar municipal, estratégia de promoção da **igualdade racial**. E investiram na redução da distorção idade-série. **Com isso, conseguiram contribuir para que meninas**

e meninos permanecessem na escola e tivessem direito a uma trajetória de sucesso escolar.

Todas essas conquistas se fortalecem à medida que crianças e adolescentes são ouvidos e envolvidos nas decisões que impactam sua vida. Atualmente, na edição 2017-2020, há pelo menos **32 mil meninas e meninos espalhados pelos 1.544 núcleos de cidadania dos adolescentes, exercendo seu direito à participação.**

Assistência e proteção a crianças e adolescentes

Nos campos da assistência social e da proteção de meninas e meninos, também há pontos a comemorar. Um deles é o acesso das crianças a um direito que é o primeiro passo para a cidadania: o registro de nascimento. Nestes 20 anos, **milhares de crianças conseguiram seu registro civil, graças ao aumento do percentual de registro nos municípios participantes do Selo UNICEF.**

Uma dessas crianças é o pequeno Gabriel, de 1 ano (*leia a história na pág. 24*). A família estava em uma situação de vulnerabilidade e passou a ser acompanhada pelo Conselho Tutelar, que se articulou com as diferentes áreas do município de Urbano Santos (MA). A primeira providência foi levar a mãe para registrar Gabriel e a irmã dele, Bruna, que ainda não tinham documentos. Com os papéis em mãos, a menina, de 4 anos, entrou na escola. E Gabriel passou a ser atendido no posto de saúde e nas ações da assistência social.

O registro civil é o primeiro passo. Mas a proteção de crianças e adolescentes é um ponto que ainda preocupa os municípios do Selo UNICEF. Na Amazônia e no Semiárido, ainda persistem desigualdades e violações de direitos, confirmadas por indicadores oficiais. Preocupa a violência letal que tem abreviado a vida de milhares de adolescentes, em especial meninos



© UNICEF/BRZ/PABLO PINHEIRO

Niltomar está na escola

Niltomar tem 11 anos e nasceu com paralisia cerebral leve. O que poderia ser um impeditivo se tornou uma oportunidade de desenvolvimento. Graças ao esforço de Parazinho (RN) – inscrito no Selo UNICEF –, ele vem superando desafios.

O primeiro direito a que o menino teve acesso foi a saúde. Desde o diagnóstico, Niltomar passou a realizar um tratamento lento e progressivo na rede municipal. Era preciso, também, que ele tivesse acesso à educação.

Mesmo sem poder andar, Niltomar começou a frequentar a escola. Aos 7 anos, fez uma cirurgia e conseguiu dar os primeiros passos. De mãos dadas com a mãe, cruzou os portões caminhando pela primeira vez. Era um ano de muitas alegrias: aprender a ler, escrever e andar.

A alegria de caminhar, no entanto, durou pouco. Ele foi tendo dificuldades e voltou à cadeira de rodas. Mas a aprendizagem escolar seguia a todo vapor, e era preciso um esforço intersetorial para que ele superasse as limitações físicas e continuasse sua trajetória de sucesso escolar.

Niltomar passou a ser atendido em uma sala multi-meios, com diferentes profissionais. E fez uma nova cirurgia, que o afastou da escola por dois meses. A mãe se emociona ao contar: “nossa casa virou uma sala de aula”. Graças às constantes visitas da professora, o menino teve seu direito de aprender garantido.

Recuperado, Niltomar está de volta à escola. Ele ainda está na cadeira de rodas, mas continua firme no tratamento. Do alto de sua sabedoria, fala animado sobre o que quer ser no futuro: “policia, jogador de basquete. Ah, e também salva-vidas”. Depois de todos os desafios que ele já superou, alguém duvida que ele vá conseguir?



Gabriel agora é cidadão

O Conselho Tutelar de Urbano Santos (MA) começou a acompanhar a família de Marineide Alves Valentim. A moça vivia sozinha, com cinco dos nove filhos, e muitas dificuldades financeiras. Por conta disso, as crianças acabavam ficando muito sozinhas em casa.

Quando a conselheira tutelar Meyre Santos começou a conhecer melhor a situação, descobriu que os dois filhos mais novos, Gabriel, 1 ano, e Bruna, 4 anos, não tinham registro de nascimento. A mãe queria que o pai das crianças assumisse suas obrigações e registrasse os filhos. Ele se negava. E ela tinha receio de que fazer o registro sozinha o desobrigasse a ajudá-la financeiramente. “Depois de muita conversa, explicamos a ela que o registro era um direito das crianças”, conta Meyre.

Junto com o registro, veio a vaga na pré-escola para a Bruna, que já tinha idade para ingressar nela. E as ações não pararam por aí. “Percebemos que as crianças precisavam de mais apoio e nos articulamos com diferentes áreas para garantir a proteção integral a eles”, diz a conselheira.

O município organizou uma rede para cuidar de Gabriel, Bruna e dos outros três irmãos, Eliesio, Willian e Caroline. Os mais velhos já estavam na escola e passaram a frequentar, no contraturno escolar, o CREAS e o Centro de Convivência. Com isso, as crianças passaram a estar atendidas durante todo o dia, com diversas atividades, em vez de ficar em casa. O diálogo entre os serviços foi se tornando cada vez mais forte, fazendo com que as informações fossem compartilhadas e as crianças estivessem protegidas. Hoje, a situação da família ainda é difícil, mas Marineide e os filhos têm com quem contar.

negros. A mortalidade entre crianças e adolescentes de 10 a 19 anos, por causas externas, aumentou 19,9% de 2011 para 2014 nos municípios participantes do Selo UNICEF na Amazônia e subiu 27,7% nos participantes no Semiárido.

Ou seja, ao mesmo tempo em que municípios salvaram bebês, mães e crianças e lhes garantiram mais direito à saúde, à educação e à assistência, perderam adolescentes, em mortes violentas, principalmente por confrontos armados ou por acidentes em transportes, em motocicletas e automóveis, todos eles eventos evitáveis.

Merecem mais atenção também as situações críticas como exploração sexual infantil, gravidez na adolescência, uso de drogas lícitas e ilícitas e falta de acesso a cultura e lazer – que atingem os direitos de crescer sem violência; ser adolescente; brincar, praticar esportes e se divertir.

Um balanço de aprendizados e conquistas

As conquistas do Selo UNICEF nesses anos só foram possíveis graças ao compromisso e engajamento de cada município. Foi – e está sendo – uma longa jornada, cheia de alegrias e aprendizados:

- O compromisso de gestoras e gestores é fundamental para que se possam colocar diferentes atores trabalhando juntos, em prol de ações comuns.
- Não se conquistam resultados duradouros sem um trabalho intersetorial – assistência social, saúde, educação, planejamento, obras, etc. – e sem diálogo com toda a sociedade.
- É preciso saber aonde se quer chegar. Para isso, é fundamental planejar, realizar um diagnóstico da situação, entendendo com clareza quem são e onde estão as crianças e os adolescentes mais fortemente impactados pelas desigualdades dentro do município e definir resultados claros para assegurar seus direitos.



© UNICEF/BRZ/LUIZ MARQUES

- Crianças, adolescentes e suas famílias têm que ser parte da construção de propostas e soluções aos desafios locais. Eles não podem ser tratados apenas como beneficiários, mas copartícipes do processo.
- O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) deve ser fortalecido em seu papel de proposição e monitoramento das políticas públicas voltadas para meninas e meninos.
- E o Conselho Tutelar deve ter sua estrutura adequada de funcionamento e os seus conselheiros capacitados e qualificados para a atuação na proteção de crianças e adolescentes.
- O racismo continua sendo um grande desafio na realização dos direitos

de milhares de crianças e adolescentes negros e indígenas e suas famílias. É preciso repensar as práticas de técnicos e gestores responsáveis pela oferta dos serviços de saúde, educação e assistência social.

Todas essas lições ajudaram a desenhar a essência do Selo UNICEF. Neste aniversário, queremos reconhecer o trabalho, muitas vezes invisível, de tantas pessoas que, ao acolher, cuidar, dialogar, se mobilizar e engajar, salvam vidas. São elas, juntas, que promovem inclusão, e, mais do que isso, garantem cidadania tanto de quem tem a responsabilidade do serviço quanto aos que os buscam. Para cada criança e cada adolescente, um compromisso de todas e todos por direitos.

PROTEÇÃO INTEGRAL

No Cras de Santarém (PA), crianças participam do resgate cultural e dançam o carimbó.



© UNICEF/BRZ/RAONI LIBÓRIO

QUEM FAZ O SELO UNICEF?

É uma grande articulação de milhares de pessoas, de diversas áreas, em cada município

“É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”. O provérbio africano faz sentido, também, quando se pensa nos direitos de meninas e meninos. É preciso um município inteiro para garanti-los. E isso vem acontecendo, há 20 anos, nos municípios que participam do Selo UNICEF.

Em cada um deles, há um esforço conjunto de milhares de pessoas, às vezes invisíveis, que colocam crianças e adolescentes como prioridade, e fazem seu melhor por

elas e eles. É um trabalho a muitas mãos. Prefeitos, governadores, secretários, técnicos das diversas secretarias, professores, merendeiras, pais, mães, avós, lideranças sociais, empresários, adolescentes, todos são encorajados à prática da gestão em conjunto.

Essa união de esforços coordenados traz resultados importantes. A gestão fica mais eficaz, todos participam, as vulnerabilidades e desigualdades vão diminuindo, os indicadores melhoram, e a vida de crianças e adolescentes também.



“20 anos atrás, eu estava no Conselho Estadual da Criança e do Adolescente do Ceará, e participei da construção do Selo UNICEF. Foi um grande processo de sensibilização. Conseguimos universalizar os Conselhos Municipais dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) no Estado. E estou no Selo até hoje”
Armando de Paula, secretário executivo dos Conselhos, Eusébio (CE)

“Com o Selo UNICEF, a gente consegue fazer um diagnóstico da nossa realidade com um propósito específico: melhorar a vida das crianças e dos adolescentes. Saímos do olhar macro para trabalhar especificamente nesses pontos. Assim, o Selo UNICEF ajuda a transformar as vidas para melhor”
Iracema Cristina Vale Lima, prefeita, Urbano Santos (MA)



“No Selo UNICEF, temos como meta a busca ativa de crianças fora da escola. Fizemos uma mobilização nos 75 povoados do município, no início do ano. Avaliamos cada caso de forma individual para encontrar a melhor solução para cada criança.”
Adailson de Jesus Silveira, técnico da Secretaria de Educação, Itabaianinha (SE)

“Quando recebemos o Selo UNICEF, ficamos felizes porque nosso trabalho está dando certo. Não é uma luta por um certificado, mas por garantir os direitos à sociedade, às crianças. Ao ganhar o Selo, sabemos que nós estamos no caminho certo”
Leandro Vieira, professor e diretor de escola, Horizonte (CE)



“É importante que todos os atores voltados para a proteção da infância e adolescência trabalhem de forma coordenada. Hoje, com o Selo UNICEF, nós podemos dizer que a rede de proteção do município caminha muito mais articulada”
Rosilene Maria Duarte Andrade, assistente social e articuladora do Selo UNICEF, Santarém (PA)



“Trabalho na área de saúde e acompanhei de perto a epidemia do zika vírus. Eram centenas de casos. Estamos inscritos no Selo UNICEF e unimos forças com diferentes áreas para atender as crianças e suas famílias. Minha alegria é ver cada criança superando as nossas expectativas”
Jeime Leal, fisioterapeuta, Campina Grande (PB)



© UNICEF/BRZ/RAONI LIBÓRIO

COM A PALAVRA, ADOLESCENTES!

No Selo UNICEF, meninas e meninos exercem seu direito à participação

“**N**o NUCA, a gente tem voz e vez”. A fala resume bem um pilar essencial do Selo UNICEF: a participação dos adolescentes. A adolescência é uma fase única de desenvolvimento e cheia de oportunidades. E o Selo UNICEF incentiva os municípios a aproveitar todo esse potencial em prol dos direitos de meninas e meninos.

Cada município é convidado a criar seu núcleo de cidadania dos adolescentes (NUCA), também chamado de Juventude Unida pela Vida na Amazônia (JUVA) em alguns estados. O núcleo é um grupo composto por pelo menos 16 adolescentes, 8 meninas e 8 meninos. A ideia é mobili-

zá-los para promover mudanças, descobrir habilidades, conhecer o lugar onde vivem e propor sugestões para melhorar a vida de crianças e adolescentes dos municípios do Semiárido e da Amazônia.

Apoiados pelo mobilizador de adolescentes de cada município, meninas e meninos são convidados a realizar uma série de desafios. As ações são baseadas na ideia de educação entre pares. Um adolescente dialoga com outro, na sua linguagem, e ajuda a transformar realidades.

O resultado disso... bom, mais fácil deixar elas e eles contarem! Com a palavra, adolescentes!

1.544

NUCAs e JUVAs
no Semiárido e
na Amazônia



© UNICEF/BRZ/RAONI LIBÓRIO

“Muitos adolescentes estão esquecendo a vida da escola para ir para a rua. E, lá na rua, eles ensinam outra coisa. Eu faço parte do NUCA. Gosto de mobilizar os alunos, assim eles vão querer ir para a escola. Se engajando, eles podem mudar a história deles”.

Acássio de Sousa, 14 anos, Horizonte (CE)



© UNICEF/BRZ/RAONI LIBÓRIO

“O NUCA é uma porta aberta. É uma forma de mostrar que o adolescente pode tudo. Ele é o presente, não o futuro. Estamos aqui para cobrar nossos direitos. O município nos ajuda, nos incluindo nos eventos da cidade e dando visibilidade”

Josielle da Silva, 17 anos, Panelas (PE)



© UNICEF/BRZ/RAISSA COE

“Calado, não cooperava para mudar o preconceito que sofria. Era mais um sem voz. Sofri racismo simplesmente pela cor da minha pele, do meu cabelo e por ser ativista LGBT”

José Otávio Pantoja de Azevedo, 19 anos, de Macapá (AP)



© UNICEF/BRZ/PABLO PINHEIRO

“É importante nos educarmos uns aos outros, entre pares. É diferente aprender com alguém que vive a mesma fase que você. A linguagem se torna mais fácil e livre da culpa ou do sermão. Hoje, com o NUCA, a vida mudou muito”

Maria Letícia Gomes da Silva, 15 anos, João Câmara (RN)



© UNICEF/BRZ/RAONI LIBÓRIO

“Eu comecei a trabalhar com 8 anos. E foi graças ao NUCA que pude sair do trabalho infantil. Aprendi meus direitos e ajudo outros adolescentes. Agora, quero ingressar no Ministério Público do Trabalho (MPT) para continuar combatendo o trabalho infantil”

Felipe Caetano, 17 anos, Aquiraz (CE)



© UNICEF/BRZ/TACIANO BRITO

“Aqui, há muitas adolescentes grávidas. No NUCA, a gente se mobilizou e fez ações em várias escolas, tirando dúvidas. Eu aprendi muito e ajudei outras pessoas. Eu não quero filho agora, estou focada nos meus estudos”

Sanaely Carvalho de Medeiros, 17 anos, Urbano Santos (MA)



© UNICEF/BRZ/JACKSON SOUZA

“O JUVA me aproximou da minha comunidade. Questionei coisas até em minha casa. Por que o machismo? Como aceitamos essa violência no Brasil? O que faço para que o lugar onde moro melhore? E, desde então, não parei mais minha luta por direitos”

Juliana Carolina da Silva Lima, 18 anos, Boa Vista (RR)



© UNICEF/BRZ/JOÃO PAULO MARTINS

“O JUVA me deu asas para ajudar a modificar a vida de outras pessoas. Agora, trabalho na Secretaria de Estado da Assistência Social, com fortalecimento dos conselhos. Só protagonismo faz as políticas acontecerem de verdade”

Wilson Guilherme Dias Pereira, 19 anos, Porto Velho (RO)

SÓ CABE UM TÍTULO NESTE ANÚNCIO:

**MUITO
OBRIGA**



ADO.

Vocês fazem parte
da história
do **SELO UNICEF**.

Nestes 20 anos,
impactamos,
transformamos,
salvamos vidas.

Orgulhem-se conosco.



